

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE  
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão  
Rua Formosa, 43-415807



O MACACO MORITZ: «Frum frum, que vou para Angola»  
(Cliché de RENOCIA)

# PORQUE É MICHELIN

## O 1.º PNEU DO MUNDO?

Porque é o mais antigo pneu de automóvel; Porque ha apenas uma qualidade: a melhor; Porque as materias primas empregadas são as melhores que ha; Porque os seus concorrentes apenas sabem copiar os seus aperfeiçoamentos, e um original vale sempre mais do que uma copia.

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 4\$800  
 \* semestre ..... 2\$400  
 \* trimestre ..... 1\$200

Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humero tico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha  
 Por anno ..... 8\$800  
 \* semestre ..... 4\$500  
 \* trimestre ..... 2\$200  
 \* mez (em Lisboa) ..... 700

FARINHA  
LACTEA

# NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO  
para crianças e pessoas  
edosas.

Agua de Meza

MINERO MEDICINAL

Gomes & C.<sup>a</sup>

Rua de El-Rei, 82, 1.º-Lisboa



# CASIANHEIRO

ARMADORES ESTOFADORES

PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA

TELEPH. 1346

ENDEREGO TELEGRAPHICO (CASTALI)



Melo seculo de successo

## ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,  
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris



Academia allemã para engenheiros

Vismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinistas e electricistas, architectos e engenheiros de obra

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

# ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens o rculatorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

# MORITZ I.

## O-REI-DOS-MACACOS



Quando pela primeira vez eu vi *Moritz I.*, no seu traje de viagem, escarranchado às cavallitas do seu criado—*Moritz* é *grand seigneur*—tive d'elle a impressão fugaz e viva de que estava em presença de um antepassado. As suas orelhas são, realmente, enormes, separadas da cabeça, quasi despegadas do craneo; mas quantas orelhas as-im não tenho eu visto em semelhantes meus, salvo seja? O simio tem uns olhinhos espertos, muito vivazes, e um trejeito de queixos que, por vezes, lhe dá a apparencia de um sorriso, outras de uma nausea ou aborrecimento do que se passa á sua volta. Evoca, certo, a

imagem dos meus mais remotos e problematicos antepassados, iniciado na plena luz de uma civilização adiantada. Oito ou dez mil annos transpõe-os elle de um salto, apresentando-se á nossa vista, — de *completo* e chapéu atrevido poisoado sobre a orelha. E' um velho avô que não infunde respeito, porque é galhofeiro e



quasi chalaccador. Permitt-me entrevistá-lo, n'um momento em que o encontrei de bom humor—atravez de mr. Castang, seu companhei-





de Johannesburgo trouxe-o um bello dia a Hamburgo e vendeu-o por 3000 pences. D'ahi a um anno, Moritz era uma maravilha, apresentavel nos melhores salões, vestindo á ultima moda, o mais chic dos chimpanzês conhecidos.

Debutou no Hansa-Theatro de Hamburgo; trabalhou depois em Leipzig e, mais tarde, em Copenhague. Ago-



ro. E eis o que me foi dado saber da sua vida:

Moritz é oriundo do sudoeste africano. Tem seis annos e tres mezes. Como artista, porém, tem agora dois annos. Está, portanto, no começo da sua carreira. Um mineiro

Pouco. Moritz prefere o traje rudimentar das florestas. Mas é preciso ser homem, mostrar-se gente.

— Lisboa?

A cidade encanta-o, diz-nos mr. Castang. Quando dá um passeio de carruagem ou



ra, em Lisboa, fez a delicias do publico. D'aqui vae a Londres, para que o seu companheiro o apresente aos seus patricios.

— E o que come o nosso avô?

— De tudo! carne, peixe e fructa...

— ... Uma bananinha de vez em quando...

— Sim, mas poucas vezes. O abuso é-lhe prejudicial.

Moritz, parece approvar com a cabeça o capitulo junto; mas faz um gesto — que, julgo eu comprehendel-o assim — quer dizer que não lhe dão quanto elle appeteece.

— É vinho?

Oh! o vinhito é que lhe agrada em extremo. Mas dão-lh'o por conta, peso e medida. Puderá! Não vá elle apanhar uma turca!

Todos os dias Moritz toma o seu banho, como um civilisado que se presa, e muito superior, n'isto, a muitos dos nossos semelhantes, que se lavam de seis em seis mezes, — quando se lavam...

E' o cado que o ajuda a lavar-se.

— ... E gosta de se vêr vestido á europeia?



A toilette de Moritz: A nossa serie de photographias mostra o illustre Moritz entre as diversas operações do seu vestuario

de automovel regressa a casa muito contente e como remoçado.

Moritz aprende facilmente quanto se lhe ensina e, muitas vezes, aperfeiçoa o ensino ou realisa um trabalho analogo ao que aprendeu, mas em condições mais difíceis, como quem quer demonstrar a sua superioridade. A prova de que reconhece a sua elevada intelligencia é que, quando esteve durante um anno encerrado n'uma jaula, para se acclimatar, olhava com um desdem olympico para os seus companhei-

segunda classe, o chimpanzé protesta com gritos e gestos e nega-se a entrar n'esse compartimento vulgar.

— Os seus costumes?

— Moritz levanta-se, invariavelmente, ás nove da manhã. A sua primeira occupação é lavar-se cuidadosamente, limpando-se depois com uma toalha, — o que muitas creaturas não fazem.

Durante a sua hora de recreio mostra grande predileção pelo officio de



ros e não se dignava confundir-se com elles.

Moritz gosta muito das suas commodidades. Nunca viaja senão, em *sleeping*. Se mr. Castang tenta mettello n'uma carruagem de

carpinteiro e passa a maior parte do tempo serrando madeira pregando preços e aplainando.

Tal é o Moritz r., o celebre chimpanzé que veio ao Colyseu, e que toda a Lisboa tem admirado. I. S.



# NA QUISSAMA



Os indigenas de Quissama, negros angolenses,

gente pouco dada com os europeus, que vive lá na sua terra entre o Quanza e o Longo, mandam ainda assim emissarios ao Dondo para a troca das suas colheitas de borracha. Foram esses emissarios que ha tempo appareceram trazendo minérios de chumbo e prata e dizendo que existiam por lá muitas pedras eguaes e que não sabiam applicar. Como na velha historia das *Minas de Salomão*, as pedras brancas, que eram diamantes, a cubiça d'aquelles europeus que sabiam do segredo mas pouco amados pelos naturaes, assim na Quissama, havia a prata e o chumbo, riquezas que se deviam explorar e de que os naturaes não podiam fazer uso. Dos mercados do Dondo, região que se vae definhando na margem do Quanza, velu correndo a noticia até ao governo de Angola, onde então estava o sr. capitão Paiva d'Andrade, e, que desde logo pensou em mandar verificar a verdade do caso, dizendo comsigo

que facil seria oppôr á mina cada vez mais flagrante do Dondo a prosperidade mineira de Quissama, quasi ignorada, região que, sendo do littoral, não tem agua, não tem communicações, não tem trato largo com os europeus, e cujos indigenas vivem quasi n'uma recusa formal de convivencia com outras gentes. Tambem se falava que uma larga toalha carbonifera existia na terra extranha da Quissama, jazigos tão vastos que os seus rebordos superiores tocavam na villa de Dondo, outr'ora tão importante, agora decaída, antigamente centro d'um formidavel commercio do ser-

tão, agora com os seus caes desertos, a agricul-

tura morta, as vastas planicies desoladas, porque continúa a viver quasi exclusivamente do commercio da borracha e do alcool, quando um tão largo futuro poderia ter. Pensava-se em oppôr a essas ruinas de velhos esplendores, a todos os trechos esfarrelados da villa, Quissama com as suas ruinas, tor-



1—Margens do Quanza; A antiga e celebre fortaleza de Massangana  
2—Cambambe: Primeira queda do Quanza



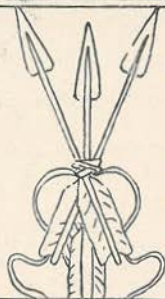
Rio Quanza: Gargantas de Cambambe. E' uma das muitas paisagens admiraveis pelo seu caracteristico pittoresco, que se encontram em Africa

nada região obreira, toda activa com a exploração farta a desentranhar-se em riquezas que seriam bem compensadoras. Judiciosamente pôz-se o plano em pratica. D'aquella mesma villa do Dondo tão tristonha, saíram os que deviam penetrar na Quissama, entender-se com os seus naturaes, procurar essas minas com aquelle entusiasmo só portuguez com que outr'ora se procuravam os caminhos pelos mares distantes. Organizou-se tudo. Os officiaes portuguezes Fernandes Barradas, Alvaro Côrte Real, Veloso de Castro e o pesquisador de minas Mac Hogh, encarregados pelo ex-governador, trataram d'esses trabalhos. O sr. Veloso de Castro foi ao Libollo a fazer umas operações militares que se prendiam com o objectivo da missão; um pelotão de infantaria acompanhou os officiaes no receio de que o gentio se oppuzesse aos seus trabalhos; seguiram tambem as ambulancias, o material necessario para as explorações mineiras viveres



para o pessoal e para as tropas, reservas d'agua, trezentos carregadores que largaram d'esse Dondo dismantelado e triste para a margem formosa do Quanza. Na sua frente estava a ainda mysteriosa região da Quissama, os terrenos onde se procuraria a prata e o chumbo, os materiaes que poderiam fazer prosperar a terra de Angola; toda aquella zona cujos habitantes tanto fogem do contacto com europeus, mas que era necessario dominar e captar para se conseguir os fins desejados. As amostras trazidas ao mercado do Dondo, examinadas por Mac Hogh, accusavam uma percentagem de tres por cento de prata e e-tenta por cento de chumbo, o que constitue uma riqueza, sendo uma magnifica empreza a realizar. Penetrou-se na região, depois d'uma demora no Dondo, e lá se foi em busca d'esses minerios que poderão ser uma grande fonte de receita para a provincia.

Na terra do mysterio, por entre



1—Palhabotes no Quanza  
2—Um aspecto do Quanza nas proximidades do Dondo

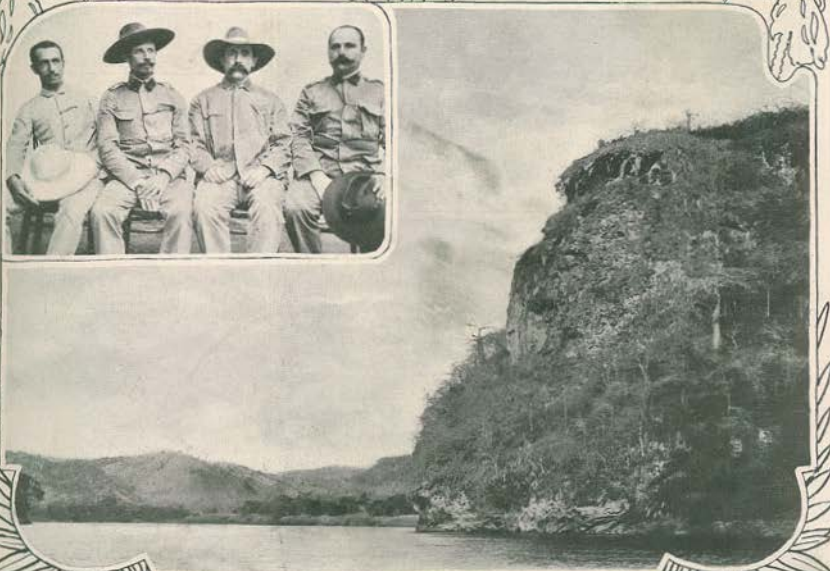
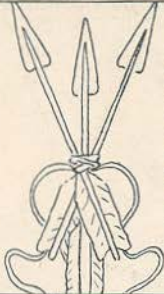


aquellas ar-  
vores enor-  
mes, nas florestas  
do Quissama, a  
pequena expedição  
foi-se internando com  
essa audacia que é o  
apanagio dos soldadospor-  
tuguezes, foi trilhando  
aquelles caminhos onde  
não ha agua, arriscando-  
se no louvavel intuito de  
fazer a prosperidade d'uma  
região que, tendo perdido  
no Dondo os seus gran-  
des mercados, carece real-  
mente d'encontrar qual-  
quer cousa que os substi-  
tua enquanto não se fizer  
a cultura, não se desenvolver a agricultura,  
do que está bem carecida a villa, que é a  
testa da navegação do baixo Quanza e o  
collector das riquezas agricolas de Libollo.  
Descobertas e exploradas as minas de Quis-  
sama, tratados os jazigos carboníferos que  
ficam nas orlas da povoação, não se  
fará esperar o desenvolvimento do  
Dondo, a chave da terra de mysterio,  
onde tantas riquezas jazem guar-  
dadas pelos indigenas pouco amigos  
de relações com os europeus.



Com effei-  
to cada dia  
faz-se sentir maior  
a necessidade de cui-  
dar da provincia de  
Angola em virtude da  
depreciação dos productos,  
sobretudo da borracha na  
região. A cultura vae de-  
perecendo tambem e d'ahi  
o ser realmente uma va-  
liosa empreza a tentar essa  
de se explorarem na terra  
de Quissama as minas que  
a darem resultados não só  
enriqueceriam a parte on-  
de se fizessem os traba-  
lhos mas povoal-os-hia,

dando em resultado chamar para ali as at-  
tenções e fazer concorrer os braços e os es-  
forços para essa nova Africa onde o indige-  
na é pouco affeioado ás transacções com os  
europeus. A expedição, internando-se n'aquell-  
as terras, foi prestar um optimo serviço,  
correr riscos, mas procurar obter fructos dos  
seus esforços, não hesitando em ir  
pela colonisação e por meios cheios de  
brandura obter aquillo que tanto ser-  
virá á colonia e de que os indigenas  
não podem tirar resultados.



1—Typos da Quissama. 2—Expedição á Quissama: os srs. A. Corte Real,  
capitão Fernandes Barradas, Mach Hogh e tenente Velloso de Castro. 3—Margens do Quanza:  
Conglomerados calcareos com estalactites

# JULGAMENTO DA MAGDALENA

## NOVO ADIAMENTO

Foi adiada ainda mais uma vez a audiência do crime da Magdalena, em virtude do advogado do réu Antonio Fernandez ter requerido para o jury que deve julgar o seu constituinte e co-réus do crime ser composto por



- 1—Um aspecto do tribunal
  - 2—Deante do juiz: os réus Euphrasio Briz, Leandro Gonzalez e Antonio Fernandez
  - 3—O sr. dr. Alexandre Braga, advogado do réu Leandro
  - 4—Os advogados dos réus e as testemunhas
- (Clichés de BENOLIEL)

individuos das duas comarcas mais proximas de Lisboa com um terço dos jurados da capital. E' o que se chama o jury mixto autorisado por lei. Contra o facto protestou o advogado do réu Euphrasio Briz, sr. dr. Cunha e Costa, bem como o de Leandro Gonzalez, sr. dr. Alexandre Braga. O juiz, sr. dr. Horta e Costa, deferiu o requerimento do sr. dr. Gustavo Martins de Carvalho, devendo o Supremo Tribunal de Justiça decidir sobre a negação ou concessão do jury mixto conforme ordena a lei de 1867. Houve grande affluencia á Boa Hora e os réus recolheram ao Limoeiro onde aguardam a decisão do tribunal superior.



# LINDA-PRAIA-DO-NORTE

## ANCORA

Ancora é toda formada de verdadeira adorável das collinas, da frescura do valle que o rio atravessa em contorções breves; tem a larga mancha d'um azul doirado pelo sol e a coberta anilada d'um

com o ruído dos gados, com os rumores do rio, vozes alegres das raparigas nos descantes aos domingos e mesmo nos dias de faina e ao vêr-se assim a Ancora de hoje, toda entregue á agricultura, toda



céu sem equal. O rio serpenteia entre florescências agradáveis da paizagem, rola cantando nos penedos e junta a sua voz n'um arrastamento ás cantigas das lavadeiras que esmaltam de brancuras as suas margens ao fazerem coradoiro das heivas dos relvedos que elle alimenta. Das bordas do rio avistam-se na campina larga as quintas formosas como são todas as do Minho com as suas vegetações cuidadas e luxuriantes, sentindo-se n'ellas a seiva que vem da agua escorrente nas grandes canalizações de pedra branca. Ouve-se com o chiar das noras,

cuidada, com os seus banhistas e com os seus termos pittorescos, pensa-se o que ella seria nos seculos passados olhando a fortaleza desmantelada do norte de Portinho em frente do qual passam ligeiras e elegantes as lanchas e as *maceiras* sobre as aguas azues. E' um triste fortim aquelle, com as suas paredes de pedra esfarelada, distantes um pouco d'uma mais remota fortaleza. D. Pedro II edificou o reducto para garantir a vilota contra as tomadias dos piratas africanos como já anteriormente se erguera a atalaya com os mesmos bellicosos intuitos. Er-



Um aspecto da praia tirado do Forte do Cão

güem-se pinheiros enormes, distantes das orlas do rio em Gontinhães, junto d'aquelle dolmen fabuloso a que o povo chama *Lapa dos Mouros*, ligando tudo o que vem do passado á tradição dos mais modernos dominadores. E' lindo o dolmen da Barrosa com a sua corpulência, os seus reconcavos, onde a hervagem cresce, com a sua lapide larga atravessada sobre aquella altura de metro e meio. Abaixo fica a riba, a velha *Riba d'Ancora*, distante uns seiscentos metros da margem direita do rio, com as suas aldeolas de nomes sonoros, *Medo e Veiga de Sapor*, verdes e lindas, verdadeiramente d'aguas do rio formoso e da praia doirada e celebre.

Sobre o Ancora ergue-se a ponte nova, tendo sido a antiga derrubada em 1865 e é um prazer enorme vê-la suspensa sobre essas aguas que vão sempre cantando alegremente para o mar, junto ao qual, na praia formosa, as banhistas se deliciam na contemplação d'um dos mais bellos trechos da terra



1—Nascente do rio Ancora na Serra de Arga  
2—Uma regata em Ancora.




Uma linda vista da praia tirada do Forte do Cão

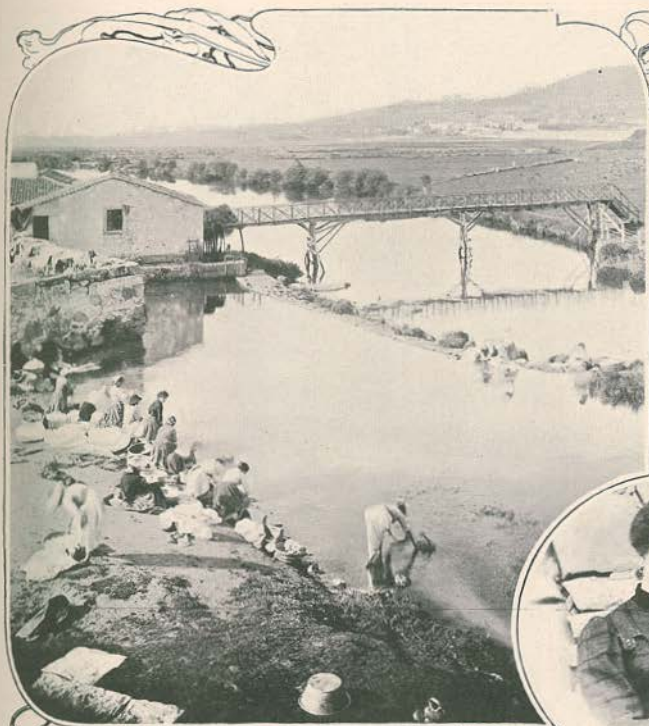


portugueza n'esse decantado Minho que inspira os poetas e nos faz amar intensamente essa região de sinceiros românticos, de mulheres formosas em trajes garridos, lindas á soalheira que as parece animar e na qual o nosso romancista d'amôr — Camillo — fez passar as scenas mais curiosas dos seus livros tão portuguezes, onde ha, com os lances agônicos, as notas sentimentaes das almas e a descripção extranha d'essa paizagem que vibra no trabalho no resplandecer farto da luz do sol.

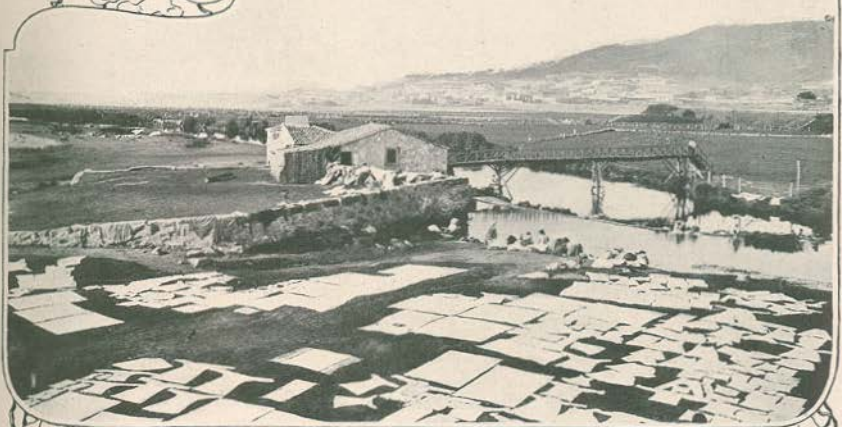
E de todo esse Minho, provincia sem par da terra portugueza, Ancora é como uma pequenina joia incrustada a mirarse no seu rio azul por cujas beiras assobiam os melros nos pinheiros frondosos e onde pelos verões os banhistas se deliciaem fazendo d'aquella praia linda um lugar doce de repouso, no qual pelas noites gemem as guitarras á luz do luar que banha as aguas e poetisa tanto esse lugar do norte de Portugal, a Ancora de areias douradas.



1—A ponte de Abadim  
2—O rio Ancora em Abadim



Lindas são as margens do rio como bella é a praia, mas o que tem um especial encanto são as quedas d'agua da serra d'Arga, na nascente do Ancora, rumorosas em cachões, onde a vista se prende agradavelmente, ante o espadamar da corrente n'aquellas descidas da abrupta serrania pittoresca do norte de Portugal.

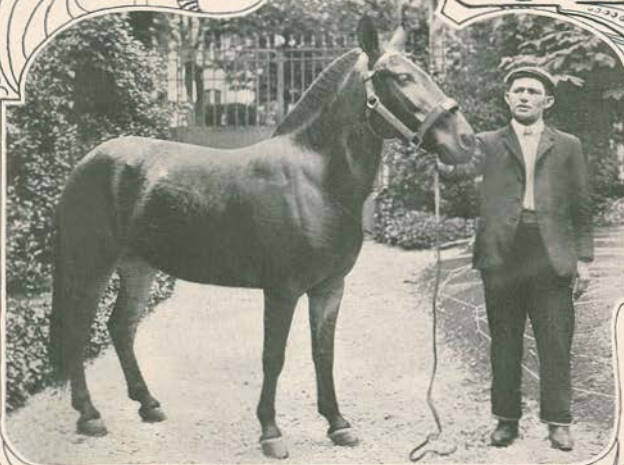


1—As lavadeiras na foz do rio Ancora. 2—Uma rapariga de Ancora

3—A roupa estendida na praia

(Clichés do amador JOÃO DE AZEVEDO)

# AS ZEBRAS

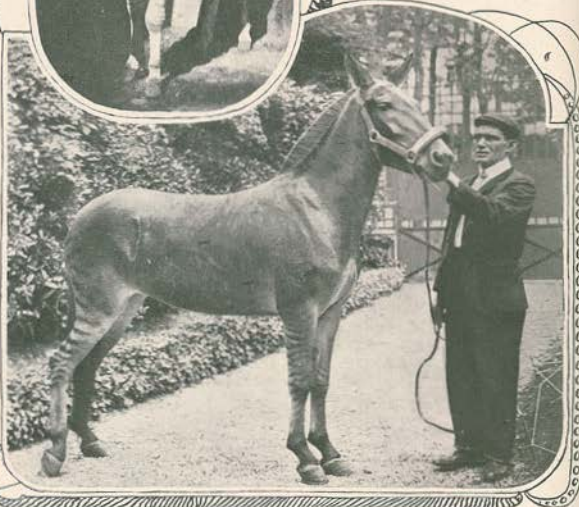


não sejam finas, mas sim producto de cruzamento, não deixam de causar admiração na grande cidade, trotando levemente, obedecendo ás redes, como se fossem cavallos bem ensinados. Até aqui apenas nos circos se tinha conseguido obter taes resultados, e foi ainda a um grande trabalho que se conseguiu atrellar-as ao vehiculo, onde os srs. viscondes d'Hamilton passeiam por Paris.

Ha varias especies de zebras; umas rajadas de pardo, outras d'amarello, as pernas finas e nervosas, aneladas pelo colorido estranho da sua formosa pelle, sendo tambem algumas brancas e pretas em riscas quasi uniformes, que as torna muito interessantes. Essa carruagem que ellas puxam tem despertado verdadeiro interesse em Paris pela originalidade de atrellagem e pela vivacidade dos soberbos animaes.

1—Zebroide *Ephinge*, de 6 annos, filho de u zebra e de um cavallo percheron, nascido no jardim de Acclimação e Paris—(Cliché de J. DE ARGOLLO FILHO)  
 2—A zebra do Jardim Zoologico—(Cliché da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA)

Agora que as zebras apresentadas por Corradini no Colisón dos Recreios estão despertando a curiosidade do publico, os leitores da *Illustração Portuguesa* não deixarão de ver com interesse as lindas zebroides pertencentes aos viscondes d'Hamilton. São exemplares curiosos que puxam a carruagem d'aquelles titulares, causando em Paris um grande successo pela sua cor e pela mansidão com que se deixam atrellar e são conduzidas. Publicamos tambem a zebra existente no Jardim Zoologico de Lisboa e que é um bello animal do genero. As zebras são, como se sabe, originarias da Africa Meridional e Austral, que vivem em bandos e que vão rareando de dia para dia. São formosas, d'uma grande elegancia e resistencia esses animaes que atravessam as ruas de Paris puxando a carruagem dos srs. viscondes d'Hamilton, são na realidade lindas com a sua pelle ás riscas e, embora



3—Zebroide *Salomé*, de 5 annos, filha de um zebro e de uma egua percherone, nascida na fazenda do barão FARAÚ, do Rio de Janeiro. (Cliché de J. DE ARGOLLO FILHO)



# AS THERMAS ROMANAS DE PORTUGAL

## O BALNEARIO DE PINHEIRO DA VANDÔMA



lepidarium a acatmar-se mais para receber de seguida o banho d'agua fria no frigidarium. Cá fóra, os outros iam recordando proezas e feitos, falando do desenvolvimento do imperio, das conquistas, dos grandes lucros obtidos pelos pretores nas colonias longinquoas, na Lusitania, por exemplo, onde a vida romana se ia estabelecendo com todos os seus habitos, as suas modas, a religião, os costumes e onde os soldados levavam o gosto do banho a ponto de se crearem tambem, nas regiões das bellas aguas medicinaes, thermas que, se não tinham o esplendor da modelar Caracalla, estavam sob o ponto de vista da hygiene magnificamente installadas. Assim eram as thermas de Chaves a *agua Flavie*, as de Aljustrel, de Vizella, Caldellas, as de Lisboa, não falando das de Troya, junto de Setubal, que segundo a tradição eram famosas como as de Milreu, no Algarve.

De todas ellas ficaram restos que os tempos foram apagando, excepto na região de Entre-Rios, na qual existem as estações thermas da Torre e S. Vicente ainda hoje e onde, n'esta ultima, se mostram as ruínas d'um balneario romano. Não era decerto um luxuoso logar; não apresentam as suas

Na doçura dos balnearios romanos os senhores do tempo do imperio levavam bella a vida. Os proconsules que tinham servido nas colonias numerosas, os fornecedores enriquecidos, jovens patricios, cortezãs, tudo o que constitue a alta sociedade imperial passava os dias nos estabelecimentos d'aguas, creando ali uma atmosphera de luxo e de mol ezas. O elegante romano, sceptico, que passava as noites ouvindo as canções das escravas, coroadas de rosas, recostado nos triclinios, ia pela hora calida aprear-se da sua liteira á porta do balneario e atravessando, apoiado ao escravo predilecto, as salas de marmore, as galerias onde a arte falava d'amôr, as bibliothecas soberbas onde os jovens ouviam legendas do tempo de Petronio, entrava no *caldarium* para tomar o seu banho quente, recordando a phrase d'um poeta ou o sorriso d'uma cortezã enquanto a agua lhe punha delicias na pelle fina que o servo dentro em pouco enxugaria; depois passava ao



1—O rio Paiva, affluente do Douro em Entre-os-Rios  
(Cliché do autor sr. JOÃO AZEVEDO)  
2—O *caldarium* do balneario romano

ruínas vestígios das grandezas d'uma estação onde os grandes senhores fôsem entreter os seus ocios, levar a mesma vida que os consules, patricios e chefes, nos grandes estabelecimentos da cidade dos Cesares. Como attestam essas ruínas, que falam d'um passado distante, devia ir ali buscar allivios a seus males a gente do visinho povoado pobre. Ha restos das cellas onde se tomavam os banhos quentes com seus orificios d'onde vinha do subsolo a chamma e o vapor para o aquecimento e d'ali se removeram materias que dão a nota do que tudo aquillo foi.

Acharam-se lá moedas de cunhós apagados, amoladores de gres, restos de faianças, que faziam parte do balneario, evocação da vida romana na terra pittorescada norte de Portugal.

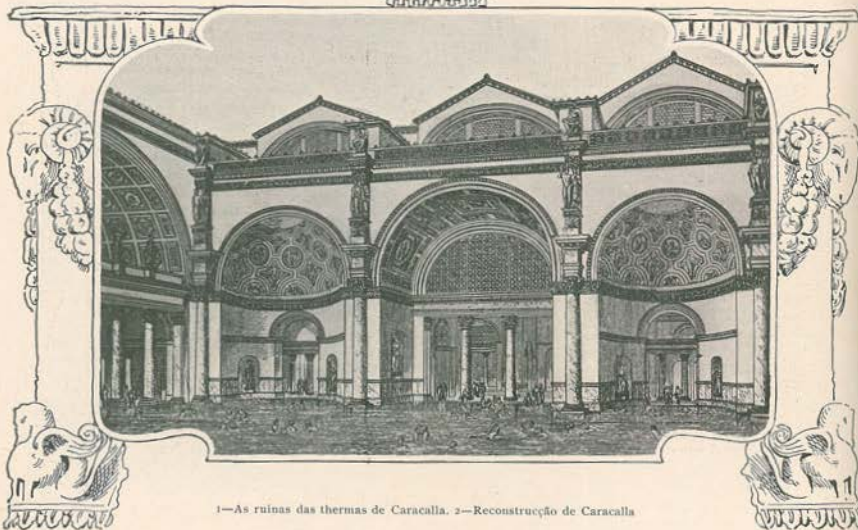
O que seria aquillo ha seculos! Quando a sineta, o *aes thermarum*, tocava a chamar os homens ou mulheres para o banho do pequeno povoado, da lomba do outeiro visinho desciam as romanas gentis, mulheres de funcionarios; de lictores, dos chefes e tambem os pobres, mais humildes, vindos a pé para o balneario; umas vinham alcaaiadas pelos esca-



vos; as outras acompanhadas por algum da familia que as ficava esperando na ante-camara do *spoliatorum* onde se despiam. Entretanto, naturalmente, l'ou conversa d'assumptos locais, enquanto as raparigas se iam banhando no *caldarium*.

Os restos d'esse balneario romano mostram bem o que elle seria; os materiais encontrados nas escavações provam que era um edificio modesto. Não havia marmoros nem pedras raras; tinha decerto um ar modesto, mas as suas cellas, as suas salas, prestavam de uma forma absoluta para a hygiene que ali se praticava.

Quando se fizeram as escavações encontraram-se ainda pedaços de tubagem de chumbo das canalisações por onde a agua passava nas piscinas do balneario, acharam-se tambem restos de fôrnilhas de cantarias com vestígios interessantes das tampas que as cobriam. Na parte extrema d'essas ruínas que se patenteiam, vê-se ainda um pedaço d'um caleiro de pedra por onde a agua vinha da nascente para o estabelecimento e ainda pedaços d'um aqueducto e uma rede de canaes para a vasão das aguas



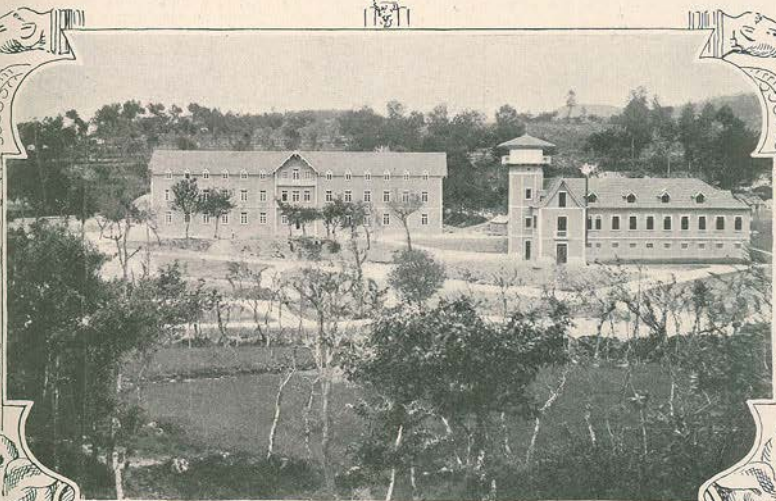
1—As ruínas das thermas de Caracalla. 2—Reconstrução de Caracalla



residuarías, tudo isso a descoberto mostrando bem o que foi o balneario romano á beira de Penafiel.

O predio onde estava instalado o estabelecimento era formado por onze salas, ou cellas vizinhas, limitadas por pare-

des, mas pertencendo a um só corpo. Tinha duas secções definidas sem comunicação e com saídas independentes. A primeira d'essas secções tinha nove compartimentos dispostos em volta d'um só, marcando-se ainda a sua en-



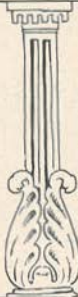
1—Ruínas do balneario romano de Entre-os-Rios  
2—2.000 annos depois: o novo estabelecimento thermal e o hotel

trada principal, adivinhando-se o seu vestibu e logo os restos d'essas cellas onde a vida romana colonial passou, onde os corpos formosos das mulheres dos funcionarios e dos centuriões se desvedaram para o a'go do banho n'aquella região conquistada e onde os chefes do local, os soldados e o povo concorriam quando as sinetas os chamavam a esse dever de se banhar que era como uma religião para o romano.

Era, pois, um estabelecimento publico de banhos, onde a gente do *castro* visinho ia aproveitar as virtudes das aguas med'cinaes, logar pobre,

PLANTA DO BALNEARIO

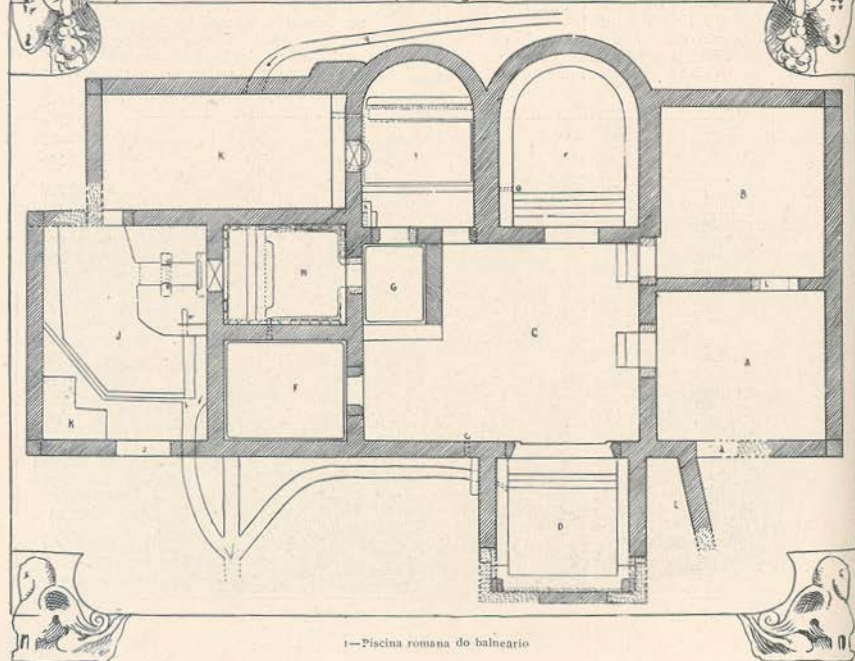
A—Entrada do balneario. A e B—Cellas que communicam pela graus indicados na planta. A, D—O reservatorio mais amplo raueas. F—Outra cella que communicava com H por um tubo se pôde passar de H para I. H—A sala mais curiosa do gen de aquecimento e cheia de alveolos para onde se encontram ainda no ponto G restos a fornalha. K—Outra sala do balneario. A corria ao longo da edifica-



perdido na região, sem ter os requintes que o romano opulento punha nos seus balnearios monumentaes, ou ainda, nos que tinha em casa, maravilhosos como o de Petronio, todo em lageados garridos com as suas estatuas de deuses lares e do dono da casa a cujos labios de pedra Eunice a escrava, encostava febrilmente a sua bocca virginal. Na terra lusitana aquelle balneario não tinha essas mollezas nem esses requisitos, não se topou, pelo menos, um resto d'obra d'arte, boccado de estatua, trecho de pedras raras, mas apenas objectos de ceramica que são o attestado da

ROMANO DE S. VICENTE

porta B e d'onde se passa para a cella C descendo os dois de do balneario. E—Cella em hemicyclo servida por aguas subterd'argila. G—A sala mais pequena do balneario e só por ella estabelecimento cujas paredes eram revestidas por uma tuba a circulação do calor. I—Cella em hemicyclo d'uma bacia de cobre. J—A sala onde estava letra que indica o aqueducto de pedra que ção. L—O muro exterior.



1—Piscina romana do balneario



Uma vista das ruínas do velho balneario luzo-romano do Pinheiro da Vandôma

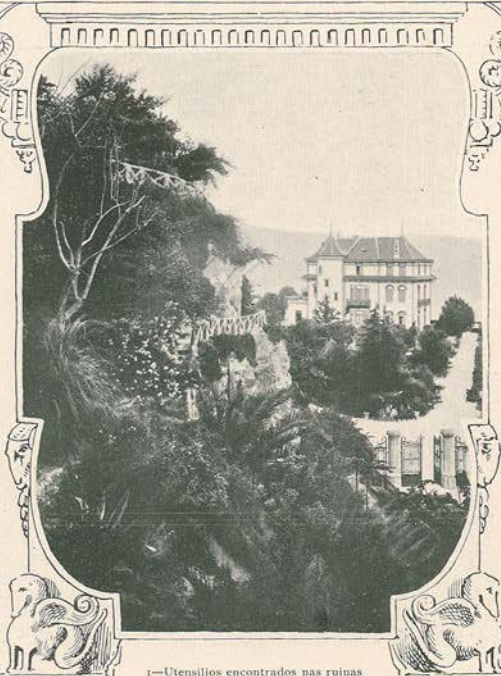


minguada vida de aquella therma collocada na colonia no uso que os romanos tinham de por toda a parte onde se accommodavam desde logo erguerem os seus balnearios a que concorriam ás horas certas, n'um habito que muito depõe a favor do povo rei. Outras thermas, essas luxuosas, como as de Lisboa e as de Troya, existiam, e como seria curioso desenterral-as, mostral-as na evocação de todas essas nobres romanas a banharem-se, a levarem na cidade de Ulysses ou junto de Setubal, a vida luxuosa da propria Roma imperial.

As ruinas do balneario romano de S. Vicente foram exploradas pelo sr. dr. José Fortes, um dos mais distinctos ethnologos portuguezes, a que se devem tra-

balhos de superior valia, tendo feito d'alguma fórma a evocação magnifica da vida romana n'aquella região da velha Lusitania.

Todas ellas demonstram cabalmente os cuidados e a hygiene que os colonisadores tinham ao estabelecer-se em qualquer parte e tambem como nos mais remotos logares não deixavam de erigir balnearios como se fôsses templos. Nos grandes centros elles chegavam ao assombro; engrinaldavam de bellezas as galerias, as fachadas e os interiores; nas terras pequenas faziam balnearios como aquelle cujas ruinas se mostram proximo de Penafiel a sua experiencia que nós seguimos ao edificar onde elles edificavam, aproveitando os indicios deixados n'uma confusão dos seus progressos.



1—Utensilios encontrados nas ruinas do balneario romano de S. Vicente

2—A quinta da Granja em Entre-os-Rios (Cliche do amador SR. JOÃO AZEVEDO)

# O NOVO THEATRO

DE SILVES

Inaugurou-se em Silves um novo theatro a que Adelina Abranches com a companhia de que faz parte foi dar a sagração da sua arte e do seu talento. A *Ilustração Portuguesa* compraz-se em registrar este facto que mostra bem como a provincia se dedica a cousas de theatro, o que representa um progresso muito accentuado sobretudo se nos lembrarmos das velhas repugnancias de ha alguns annos ainda pela arte de representar. Out'ora os artistas que percorriam as provincias, não encontravam onde se fazerem ouvir; nas cidades mesmo não havia um palco onde se mostrassem e d'ahi os nossos primeiros actores não deixarem nunca Lisboa onde aquelles que na provincia gostavam de theatro, vinham de quando em quando admiral-os, levando recordações que jámais se apagavam. Depois,

pouco a pouco foram-se creando nucleos d'amadores da arte dramatica em varias partes, fizeram-se theatros e chamaram-se para elles, sobretudo durante as temporadas de verão, os artistas celebres que d'este modo se mostram nas varias cidades provincianas.

Silves, inaugurando, agora, com grandes festas o seu theatro, mostra como deseja collocar-se a par d'outras terras onde ha um acrisolado culto pela scena. Ja ha alguns annos que na cidade algarvia um grupo de rapazes se dedicava á arte musical, tendo-se formado uma orchestra sob a direcção do sr. Henrique Rocha e que tomou parte nas festas da inauguração de novo theatro por todos os motivos interessante. E' mais um melhoramento para aquella terra tão cheia de



Vista da frontaria do novo theatro Silvense



*A companhia que inaugurou  
o novo theatro  
Silvense:*

1—O actor Fernando Mai  
(Cliché JULIO NOVAES)



2—O actor Carlos Santos  
(Cliché CARDOSO & CORREIA)



3—O actor Joaquim  
Costa

(PHOT. VASQUES)



4—A actriz Barbara  
Wolckart

(Cliché CARDOSO & CORREIA)



5—A actriz Adalina Abranches  
e sua filha  
Aura Abranches



6—A actriz Alda Soller  
(Cliché CARDOSO & CORREIA)



7—O actor Pinto Costa



8—O actor Alfredo Ruas



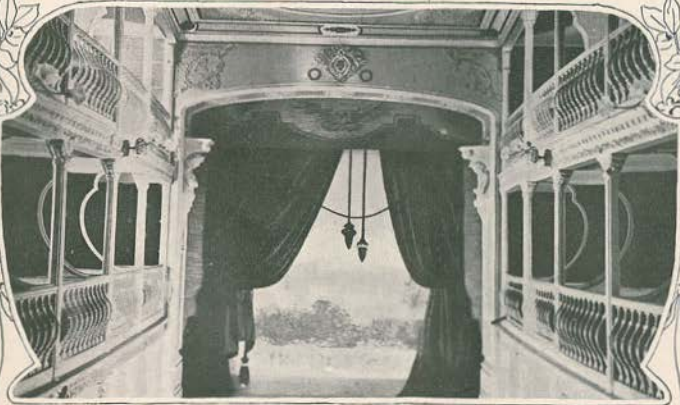
9—Gouveia Pinto  
(Clichés de CARDOSO E CORREIA)





pittorresco e tão interessante com as suas tradições, devendo notar-se com prazer, essas tendencias artisticas, que honram e aquellas que levaram a bom fim este empreendimento. Outras companhias irão dentro em pouco ao novo e bello theatro de Silves agora com tanto exito inaugurado pela companhia dirigida pelo actor Pinto Costa e na qual está uma das nossas primeiras actrizes, Adelina Abranches.

E' sempre agradável registrar estas manifestações da vida provinciana, que procura modificar-se d'uma maneira que faz honra a todos aquelles que se dedicam á transformação necessaria para a qual o theatro é um bello elemento que a pode auxiliar com o mais feliz exito.

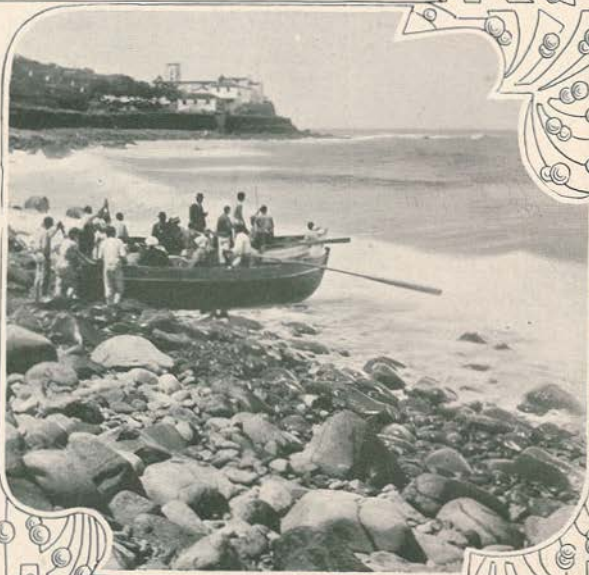


- 1—O grupo da orchestra Silvese—(Cliché de H. SANTOS)
- 2—O sr. Gregorio Mascarenhas, o capitalista que construiu o theatro—(Cliché CAMACHO)
- 3—O sr. Judice Costa, architecto e director dos trabalhos de construção do theatro.
- 4—Uma vista do interior do novo theatro—(Cliché de H. SANTOS)

# UMA ROMARIA MADEIRENSE

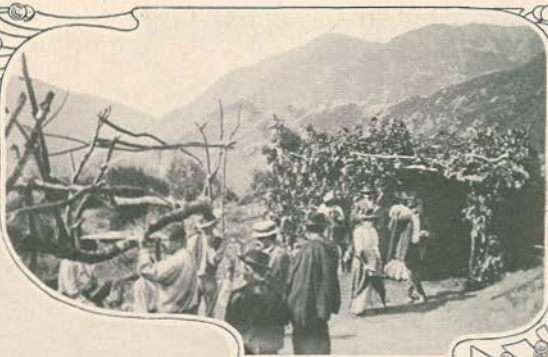


Uma das romarias mais populares da Madeira é a que se realiza em Ponta Delgada venerando-se a imagem do Bom Jesus. Fica o templo n'um dos pontos mais pittorescos do norte da ilha e milhares de pessoas ali concorrem, não só pela devoção que lhes merece a imagem, mas também pelas maravilhas dos lugares que se percorrem antes de chegar à igreja parochial, que o ano passado foi devorada pelas chamas. Osromeiros, no fervor da sua devoção, deixavam accesos os cirios em volta da famosa escultura de Jesus, e foi devido a isso que o fogo se propagou, destruindo em pouco tempo a igreja. Ficou completamente carbonizada a imagem, sob os escombros. A romaria seguinte, após o incendio, foi realisada no local onde estavam as ruínas do templo, sendo feito um arraial e havendo uma missa campal ditá pelo prelado da diocese. Os devotos penetravam nas ruínas e iam ajoelhar



1—Osromeiros em Ponta Delgada  
2—O embarque no porto de Ponta Delgada  
(Clické do sr. J. E. PESTANA)

deante do altar e ainda da imagem carbonizada. Esta romaria é das mais características da região madeirense, mostrando bem o feitio do povo. Galgando pelas veredas, passando entre festões



1—Nas serras de S. Vicente: Preparativos de barracas para pousada dosromeiros 2—A camunho. Estrada junto ao mar 3—A igreja destruída 4—As ruínas: Interior do templo



de verdura, rindo e foliando, subindo às cristas dos montes que se toparam no caninho antes de chegar ao lugar já se ouvem descantes alegres de camponeses, palavras d'alegria, chalaças atiradas de rancho para rancho. Nas beiras dos caminhos repousam comen-



do os farnas para seguirem depois até ao lugar do antigo templo, a passearem-se no arraial do largo e fazendo um acampamento, no meio da maior fraternidade, os povos das visinhanças de Ponta Delgada concorrem assim á romaria. As romarias das ilhas, vindas de tradições communs, differenciam-se no emtanto bastante das contineas pela índole do povo, pelo seu feitio, por todas as circunstancias que o tornam diverso da gente do continente. Uma poesia enorme se desenvolve no meio das suas festas, soam as canções como hymnos e tirando, como nas provincias do continente, motivos das cousas religiosas para as diversões pagãs: fazem-nos d'um modo mais poetico, para o que concorre até a paizagem em tudo differente.

# AVES CANORAS

## DE PORTUGAL



1 — A tordoveia (*Turdus viscivorus* L.). É uma das nossas aves sedentárias mais comuns em todo o paiz, formando no outonno e no inverno pequenos bandos de 20 até meio cento, mas nunca se reunindo com as outras especies de tordos. A tordoveia, tordeira ou tordeira, atinge mais de 25 centímetros de comprimento total, sendo a sua cor dominante a preta, com as coberturas inferiores das azas em grande parte brancas, o peito branco tambem, com nodosas escuras e os pés claros. Aninha entre as heras e varias trepadeiras que revestem os muros ou nos silvêdos a pouca altura do solo, sendo a postura de 4 a 5 ovos, de um branco acinzentado e com pontuações escuras. A estampa representa um macho morto em Mafra.

Um dos ramos da historia natural que mais desperta o entusiasmo dos amadores é sem duvida a ornitologia, isto é, a parte da zoologia que estu-

2—O classico melro negro (*Turdus merula* Linnæi) sedentario e commum em todo o paiz, deve ser considerado uma ave util, porque ataca as larvas e lagartas prejudiciaes ás plantas, só se afastando do regimen insectivoro para procurar algumas bagas de plantas silvestres de pouco ou nenhum valor. O melro preto aninha nos silvados, construindo o ninho com raizes, musgos e lama a pouca altura do solo, e depondo n'elle, em cada postura, 4 a 6 ovos, azuados ou esverdeados com manchas ferruginosas. A estampa representa um macho adulto morto em Lisboa. Esta especie habita a Europa central e meridional, o sudoeste da Asia e o norte da Africa.

da a classe das aves, a mais interessante do grupo dos animaceos vertebrados. Em Portugal ha uma numerosa e variada fauna ornitologica, composta não só pelas especies sedentárias como ainda pelas de arriba-

Legenda do en-lite: 1—Melro de coleira (*Turdus torquatus*). 2—Melro negro. 3—Papaço (*Oriolus galbula*). 4—Tordo branco (*Turdus musicus*). 5—Tordoveia. 7—Tordo pisco (*Turdus iliacus*). 8—Melro da rocha (*Turdus cyaenus*). 9—Macuco

ção. As imigrações das aves são um dos mais curiosos mysterios da natureza. A maior parte d'ellas vivem por as-

nitura, torna-se bem evidente que ordinariamente é ella o motivo determinante. As aves emigrantes experimentam em certas epochas do anno a necessidade de mudar de logar, como experimentam n'outras occasiões o desejo de construir o seu ninho, sem serem impulsionadas por um calculo intellectual ou pela previsão das vantagens que alcançarão. Em experiencias feitas com alguns passaros de arribação dos nossos paizes, viu-se esta necessidade manifestar-se com intensidade na epocha ordinaria, apesar de ter havido o cuidado de manter á sua volta uma temperatura constante e de lhes fornecer uma alimentação conveniente, além de ter tido a precaução de escolher para a experiencia individuos novos que não tinham, portanto, contrahido ainda o habito das emigrações. Quando mudam de clima não esperam para partir que o frio se lhes tenha tornado

insuportavel, não são repudiados a pouco pouco para o meio dia pelas rajadas do inverno: prece-dem-nas, trans-

sim dizer em estado enatico, demorando-se nos limites de uma região determinada apenas o tempo que as necessidades da reprodução as forçam a conservar-se sedentarias, e transferindo-se depois de um para outro ponto por effeito da mudança das estações. Na epocha da reprodução as aves emigrantes, muito numerosas no nosso paiz, chegam dizimadas pela longa viagem que realisaram. Mas, desde que os novos saem dos ovos, o seu numero duplica, quadruplica, e é então justamente que a estação muda, de modo que a alimentação, torna-se já insufficiente pelo augmento das necessidades, e falta inteiramente. É preciso, portanto, partir para longe, ir passar o inverno á Argelia, á Africa. Os velhos recordam-se bem dos sitios em que viveram o anno precedente, e todos se reúnem em bandos confusos e numerosissimos. Outras especies parece que emigram por puro instincto de vagabundagem, sem serem solicitadas por qualquer causa apreciavel.

O illustre naturalista Milne-Edwards affirma a este respeito: «Qualquer que seja a circumstancia que torna a emigração das aves util a ellas proprias ou á sua prog-

*Turdus leucurus* Gmelin. Cór toda preta mais ou menos pardacenta, tendo apenas cor branca na cauda e supra e subcaudaes. Este passaro vive no sudoeste da Europa e tambem na Asia e na Africa. Em Portugal, onde o conhecem com os nomes vulgares de Rabo branco, Negrita, Frade e Chasca de leque, é sedentario, mas pouco commum, apparecendo só ao norte do Tejo. A nossa estampa representa uma femea

portando-se immediatamente e quasi de um vôo para as regiões tropicaes, muitas vezes





volvam na primavera quando a temperatura se conserva ainda bastante inferior á do momento da sua partida. Para certas especies, repito, pois, as emigrações não coincidem com nenhuma circunstancia exterior.»

O eminente mestre da zoologia franceza concluia, portanto, que se tratava de um phenomeno inexplicavel. Seja como fór, o certo é que a península é um dos caminhos habitualmente



*Sylvia titkyi* Scopole. Sedentaria e commum em todo o paiz, sendo conhecida por diversos nomes vulgares, entre os quaes os de Rabruiva, Ferreiro, Kabetá, Rouzinoel preto, Injá, Pico ferreiro, Rabo russo. Tem a garganta, o peito e o abdômen de côr preta ou escura, e algumas remiges com orlas esbranquiçadas. A estampa representa um macho (o exemplar maior) morto em Cascaes e uma femêa proveniente da Quinta das Necessidades

seguidos n'essas migrações, e que são por isso muitas as especies de arribação que são commumente conhecidas no nosso paiz. Entre estas figura proeminentemente o rouxinol, *Sylvia luscinia* dos naturalistas ou *Daulias luscinia* nas classificações mais recentes. Esse prodigioso cantor chega desde meados até fins de abril e conserva-se em Portugal até ás proximidades do fecho do anno, chegando mesmo alguns individuos a fazer na nossa terra o anno novo. O rouxinol, que é muito commum entre nós no periodo que deixamos indicado, é um passaro gracioso e cheio de vida, mas de côres pouco vistosas.

Tem toda a região dorsal de um pardo ferruginoso escuro, as

lodosas e variada do seu fofoso canto, que Beethoven pretendeu transcrever na sua *Symphonia pastoral*.



Entre as aves sedentarias no paiz existem tambem varios passaros cantores dos mais notaveis e distinctos, que pertencem á familia Turdidae, uma das que contém maior numero de especies, bastante diferentes pela forma, grandeza, côres e costumes. Bastará citar os melros, e entre elles o fino e arisco melro negro de bico amarello, que tão facilmente aprende a assobiar, a repetirias até palavras, supportando o seu captivo no melhor grado da gaiola, seja

Pisco e Pisco de peito ruivo (*Erithacus rubecula* Dresser). O pisco que se encontra em toda a Europa, exceptuando o norte, e que apparece tambem no norte da Africa e oeste da Asia, especialmente no inverno, é commum e bastante conhecido em todo o paiz, vivendo nos arbustos baixos, sendo raro vê-lo sobre uma arvore de maior altura, e nunca no seu cimão, como os Chapins e os Tralhões. Constroe o ninho a pouca altura do solo, entre os silvedos, entre as hervas ou mesmo nos fossos. Os ovos são brancos, acinzentados, com pontuações escuras, mais numerosas para uma das extremidades. O regimen dos piscos é exclusivamente insectivoro. E' talvez uma das especies mais sociaveis e que mais se expõe, deixando-se observar perfeitamente. Por isso mesmo, tambem, está mais sujeita aos ataques de todos os animaes nocivos que frequentam o baixo arvoredor. E', notavel como avacora, tendo o seu canto a nota das especies do grupo das *Sylvias*, de que faz parte



doirada ou modesta, em que o encerram, o que prova mais uma vez que os poetas se fartam de cometer erros quando se fiam na imaginação. Nunca seria o luzidio *Turdus*

*merula* de Linneo que desmembalaria nas violentas imprecações conhecidas contra a prisão da gaiola do padre cura, comparando a aza captiva ao pensamento humano preso. Não, o melro negro não protesta de tal modo quando, apesar da sua desconfiança e vivacidade consegue apanhal-o. Dentro da sua habitação gradeada mostra-se pelo contrario sempre de bom humor, comendo com excelente appetite e aperfeiçoando-se no canto para distrair os seus ocos de prisioneiro. D'este grupo dos melros não é menos afamado, tambem, como as-

sobiador pertinaz e melodioso, o papafigo ou amarellante (*Oriolus galbula*), desde maio até setembro commum em toda a peninsula, aonde cria. Os francezes chamam a este gracioso passaro *loriot* e traduzem o seu canto n'esta phrase, que pinta bem os costumes do papafigo: «compère loriot qui mange les cerises et laisse les noyaux.» O papafigo é na realidade um grande finório. Dotado de côres bastante vistosas, porque o macho é todo pintado de amarello vivo, salvo as azas e a base da cauda negras, e a femea tem como tintas do-

minantes o verde amarellado e preto pardacento, o papafigo parece ter a consciencia do effeito berrante que deve produzir no meio da nota sombria das arvores, e por isso usa a prevençao de se esconder tão cuidadosamente que é difficil vê-lo mesmo quando se ouve cantar por cima da cabeça.

N'esta mesma serie de



O famoso Rouxiol, o mais celebrado de todos os cantores alados (*Sylvia luscivola* Linneo), de attribuição em Portugal, onde chega em fim de abril, partindo em outubro. É commum nos logares arborizados, proximo dos ribeiros ou da agua, aonde encontra uma alimentação abundante; mas são os pequenos arvoredos, as proximidades das ruinas e das habitações antigas, em que existem velhos muros cobertos de plantas trepadeiras, o logar mais apropriado á existencia sombria e semi-nocturna d'esta ave, considerada como a primeira das especies caadoras da Europa. A figura representa um macho morto em Queluz

*Pratincola* por toda a parte, mas menos, em todo o caso,



*Sylvia orphea* Temmink. A tutinegra real, sedentaria e commum em todo o paiz, mas parece que mais rara para o norte. A figura representa uma femea morta perto de Lisboa em junho



Outra tutinegra (*Sylvia atricapilla* Linneo), tambem sedentaria e commum em todo o paiz. A estampa representa um macho de Coimbra e uma femea morta nos arredores de Lisboa

cica.) Tem o peito azul, seguido de uma côr ferruginea, e d'ahi lhe vem o nome.

passarinhos ha outros muito que são dos mais usualmente conhecidos e estimados pelas nossas populações rurales. Citaremos, como exemplo, o Cartaxo ou Chasco (*Pratincola rubicola*, Linneo), que é extremamente com-

um em todo o paiz, encontrando-se vulgarmente nas vinhas, nos pequenos bosques, nas sebes que dividem os campos cultivados e mesmo nas margens dos rios. O cartaxo, que se encontra igualmente abundante em toda a Europa temperada e na Asia, bem como no norte da Africa, especialmente no inverno, aninha entre os muros de pedra solta e nas cavidades dos troncos. A sua postura é de 5 a 6 ovos, azulados, com manchas escuras. Do mesmo genero ha ainda no paiz outra especie, a *rubetra*, Linneo, commum tambem

que a antecedente, e designada vulgarmente, nas diferentes localidades, pelos mesmos nomes que ella e mais pelos de tange-asnos e pardinha. E ainda com estes nomes e os de caidas e tanjardos são conhecidas tambem as *Saxicolas*, cujo genero é representado no paiz por cinco especies. Entre as especies dos outros generos da familia apparecem por toda a parte, tambem, os piscos, que são todos sedentarios. Damos uma estampa, reproducção de uma aguarella de Casanova, que representa o pisco de peito

ruivo (*Erithacus rubecula*) e na respectiva legenda vae a informação a seu respeito. O pisco azul ou Lamieiro (*Cyanecula Wolfii*, Brehm) encontra-se, por sua vez, em todos os paues do paiz. É a especie, parece, que

alguns dos nossos naturalistas tem confundido com outra do mesmo genero (*C. ou Sylvia sue-*



Da maior parte dos nossos passerios cantores, tanto sedentários como de arribação, ou antes da família Turdidæ, em que se encontram as principaes aves canoras de Portugal, conjuntamente com outras muito apreciadas como especies venatorias, se occupam os dois fascículos que chegaram a ser publicados do esplendido *Catalogo Illustrado das Aves de Portugal* emprehendido por el-rei D. Carlos e enriquecido com preciosas aguarellas do distincto pintor Casanova.

Essa publicação, se fosse concluída, constituiria indiscutivelmente a mais rica e valiosa obra de zoologia até hoje feita no paiz e seguramente uma das mais importantes iconographias ornitologicas europeias, de um merecimento, tanto scientifico como artistico, de primeira ordem. Os conhecimentos de el-rei D. Carlos como naturalista eram bastante vastos, mas, especialmente como ornitologista o seu saber era dos mais

completos entre nós. Além d'isso, caçador habilissimo, conseguira reunir a mais perfeita e completa collecção de aves do paiz, em que se encontravam representadas diferentes especies e variedades que os museus publicos não possuíam. Não lhe faltaram, pois, todas as condições favoraveis para a preparação do seu trabalho, e para a sua execução,—que D. Carlos de Bragança planeára sobria e severa, conforme convinha a uma obra do genero,—teve a collaboração concienzosa de Casanova, metucioso na reprodução das côres da plumagem, que

tanto interessava fixar com rigor para verificar as variantes produzidas pela acção do meio. São algumas das aguarellas do illustre pintor representando diversas especies notaveis da familia Turdidæ, varias das nossas mais celebradas aves canoras, que acompanham este artigo, para dar aos nossos leitores uma idéa da graça e da

gentileza d'esses pequenos passerios que tão afinadas melodias desferem quando cantam os seus apaixonados hymnos de amor.

É que admiráveis concertos não se rea-

lisam entre os ramos do arvoredo povoado pela passareda alegre e bulhosa! Que sobebos e inspirados

musicos não são esses pequeninos e gentis cantores alados, que nos delicias com os seus puros trinados, com as suas es-

pontaneas melodias! Ha lá compositor que os exceda, ou executante que se lhes compare! Na verdade, de tudo quanto havia de bello e glorioso no bosque sagrado de Apollo, na estancia divina de toda a alegria e formosura pagã, só nos resta essa musica da passareda, que no tempo nobre e hígido da Hellade já encantava os homens, fortes, ageis e felizes, que então possuíam corações mais sim-

Macuco, melro de rocha ou solitario (*Turdus saxatilis*). Este bello melro, de côr dominante preta, mas com as rectrices lateraes em grande parte castanho arruivadas, habita o sul da Europa e inverna na Africa. Em Portugal, é sedentario, mas pouco commum no sul, e migratorio no resto do paiz





ples e puros. E como este tempo de perversidade e de desamor parece ter a peito destruir

os últimos vestígios da beleza antiga e calar os últimos ecos da sua harmonia, por isso talvez se afana na perseguição aos pobres passaros innocentes, que o lavrador accusa injustamente de lhe prejudicarem as colheitas, cobrando sobre as sementes uma violenta contribuição. A flagrante falsidade! Pelo contrario, as pobres aves, na sua maioria exclusivamente insectivoras, contam entre os mais valiosos auxiliares do cultivador, pela cooperação que lhe prodigaliam na guerra tenaz com que perseguem os insectos prejudiciaes. Alguns mesmo, que gostam de variar o seu menu com algum acepipe frugivoro, quasi sempre escolhem as bagas de plantas silvestres, prestando ainda com isso mais um serviço á agricultura.

O nosso lavrador está, porém, ainda pouco instruido a respeito dos beneficios que lhe prestam as aves, e commette, por isso, as maiores injustiças para com ellas, como as commette quotidianamente para com outros pobres animaes, egualmente seus colaboradores valiosos e desinteressados.

Sirva de exemplo o que acontece com o infeliz sapo, um trabalhador activo, que policia proficuamente os jardins e as hortas, e que é uma das victimas mais odiadas de semelhante ignorancia criminosa.

E', pois, de toda a utilidade fazer conhecer

as aves de Portugal, cuja historia e cujos costumes offerecem tambem farto motivo de curiosidade e interesse para quantos amam as cousas da natureza. Sobre a nossa ornitologia ha, porém, poucos trabalhos de vulgarisação, que possam ser lidos e prender a attenção dos que são estranhos aos estudos zoologicos, e por isso maior pena é que o *Catálogo de El-Rei D. Carlos* ficasse por terminada.

N'este artigo a *Illustração Portugueza* occupa-se hoje do grupo principal das nossas aves canoras pertencente á familia que constitue exactamente a parte publicada da magnifica iconographia real.

Figuram, entre os passarinhos mais amados do publico pelas qualidades musicas, e alguns tambem pela riqueza de colorido da sua plumagem variegada, e por isso entendemos dever conceder-lhes a preferencia. Em outros artigos, porém, trataremos seguidamente das outras aves de Portugal, que todas offerecem diversos motivos de interesse á curiosidade dos nossos leitores, quer por serem especies venatorias de alto apreço, quer pelo vistoso das suas cores, ou ainda pela utilidade que representam como auxiliares indefessos do lavrador, ao qual não cobram salario de nenhuma especie.



*Acrocephalus arundinaceus* Brisson, especie que se encontra todo o anno no sul do paiz, no Algarve, e nas outras provincias de passagem de abril a outubro, sendo muito commum durante este periodo no Ribatejo. E' conhecida pelos nomes vulgares de Rouxinol de espadana, Rouxinol das canções, Rouxinol dos pases, Chinchalães, Ferreiro e Pintaró-ró. A estampa representa um macho da Foja

pelos qualidades musicas, e alguns tambem pela riqueza de colorido da sua plumagem variegada, e por isso entendemos dever conceder-lhes a preferencia.



*Regulus ignicapillus* Beelm, Estrelinha e Felosa da touca. Poco commum em todo o paiz e muito localisada. A cor dominante é superiormente esverdeada, e inferiormente esbranquiçada, sendo a parte média da cabeça vermelha, rladá lateralmente de estripas amarellas e pretas. A figura representa um macho adulto morto na serra da Arrabida em setembro

(Reproduções de aguarellas de Casanova feitas para o *Catálogo das Aves de Portugal* de el-rei D. Carlos).

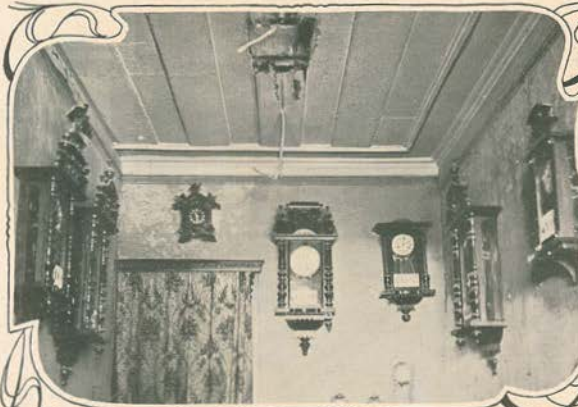




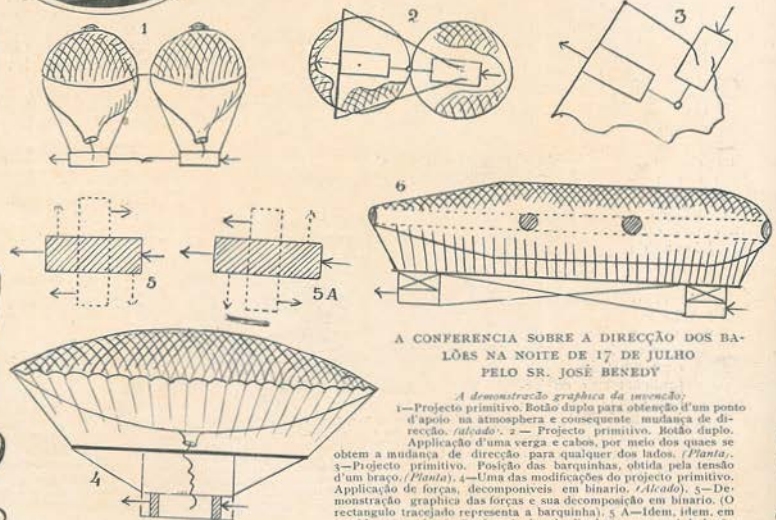
DR. RAUL BENSAUDE.—Foi nomeado recentemente director de enfermaria no hospital de Santo Antonio em Paris.

\*\*\*

O ROUBO NA OURIVESARIA DA RUA DE S. PENTO. — Na noite de 17 de julho foi roubada a ourivesaria do sr. Santos Vigario. Os gatumos introduziram-se na loja por um buraco feito no andar superior roubando joias no valor de sete contos de réis. A nossa photographia representa o buraco aberto no tecto, por onde os gatumos se introduziram no estabelecimento.



NO SALÃO DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA



A CONFERENCIA SOBRE A DIRECCÃO DOS BALÕES NA NOITE DE 17 DE JULHO PELO SR. JOSÉ BENEDY

A demonstração graphica da invenção:  
 1—Projecto primitivo. Botão duplo para obtenção d'um ponto d'apoio na atmosphera e consequente mudança de direcção. (Alcado). 2— Projecto primitivo. Botão duplo. Applicaçào d'uma verga e cabos, por meio dos quaes se obtém a mudança de direcção para qualquer dos lados. (Planta).  
 3—Projecto primitivo. Posição das barquinhas, obtida pela tensão d'um braço. (Planta). 4—Uma das modificações do projecto primitivo. Applicaçào de forças, decomponiveis em binario. (Alcado). 5—Demonstração graphica das forças e sua decomposição em binario. (O rectangulo tracejado representa a barquinha). 5 A—Idem, item, em sentido contrario. 6—Perfuração longitudinal e transversal do botão para diminuir-se a resistencia do ar durante a sua marcha. Applicam-se duas barquinhas, muito distanciadas, para augmento do braço d'alavancas quando as forças actuam em binario.

para diminuir-se a resistencia do ar durante a sua marcha. Applicam-se duas barquinhas, muito distanciadas, para augmento do braço d'alavancas quando as forças actuam em binario.

COMPANHIA DO **Papel do Prado**

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Proprietária das fabricas do Prado, Marilândia e Sobrinho Thomar, Penedo e Casal d'Hermio (Louz), Valle Maior (Albergaria a Velha), installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos mais modernos mais aperfeiçoados para a sua industria.

\*\*\* ESCRITORIOS E DEPOSITOS: \*\*\*  
 LISBOA — 270, RUA DA PRINCEZA, 276  
 PORTO — 49, R. DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços telegr.: LISBOA, COM-PANHIA PRADO, PRADO — P. RTU  
 — LISBOA. Numero telefonico: 308

**HEMORRHOIDAS**  
 CURAM-SE COM OS  
**SUPPOSITÓRIOS**  
**ADRENO-STYPTICOS**  
**MIDY**

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL  
**ANEMIA** CÓRES PALLIDAS  
**CHLOROSE, CONVALESCENÇA**  
 PELO  
**Elizir de S. Vicente de Paula**

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15. 1.º LISBOA  
 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal  
 OPT. O. L. L. E. Paris, 2, Faub. St. Denis, P. A. PARIS

**Faceira em 8 dias**

«O que é que mais contribue para que uma senhora seja bonita? Seguramente é ter os dentes brancos. Pois bem leiam:»  
 «Ill.™s Srs. Empreguei o Dentol como dentifricio, por espaço de 8 dias e ao cabo d'este tempo meus dentes ficaram admiravelmente alvos. Quero continuar, pois, a empregar um dentifricio cujo resultado satisfatorio seja tão rapido.»

— Assignado: AMELIA BALLARGEAU, Marans (Charente-Inférieure)



AMELIA BALLARGEAU

O Dentol (agua, pasta e pó) é, com effeito, um dentifricio soberanamente antiseptico tendo ao mesmo tempo um cheiro muito agradável.

Cada conforme os trabalhos de Pasteur, elle destrõe todos os microbios ruins da bocca; evita o cura com cortica a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doenças da garganta. Em poucos dias faz os dentes alvos brilhantes e destrõe o tartaro, deixa na bocca um frescor delicioso e persistente.

Empregado puro, em algodão, calma instantaneamente as alvas de dentes por mais fortes que sejam.

LISBOA:

- J. P. Bas'os, droguista, R. Augusta, 39.
- Pires Tavares, R. do Principe, 130.
- Pimentel & Quilans, R. da Prata, 198.
- Balsemão, perfumaria, R. da Coelheira, 30.
- Thomaz Meadonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 43.
- Criener, perfumaria, R. Aurea, 130.
- José Alexandre, artigos de Paris, R. Garrett, 1.

PORTO:

- Rodrigues Irmãos, droguistas, R. das Flores, 453 a 457.
- Lima & Ramos, Largo dos Lóys, 36.
- Almeida & Leão, Rua Mousinho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

**Brinde aos nossos leitores**

Basta mandar ao sr. Marius LATHÉLIZE, agente geral do DENTOL em Portugal, Pellos dos Restauradores, Lisboa, 100 réis em sellos do correio recommendando se de..... (indicar aqui o nome do jornal)..... para receber franco de porte pelo correio **uma linda caixinha** com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

Nouveau Parfum VIOLET  
 29, B<sup>e</sup> DES ITALIENS — PARIS  
**Princia**

**ZEISS BINOCULOS**

Grande intensidade luminosa • Excellent alcance • Estabilidade •

PARA **Viagem, Sport, Caça**

Peçam-se prospectos T 89.

A venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

**CARL ZEISS - Iena** (Alemanha)  
 Berlin, Frankfurt a. m., Hamburgo, Vienna, Londres, St. Petersburg.

**Madame**



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

**Brouillard**

Desde o passado e o presente e produz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Tevo estado que fez das senhas, chromancias, chronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamboze, d'Arpenigmes, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa - America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e he-spanhol.

**Das consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete**

Rua do Carmo, 43, sobre-loja — LISBOA Consultas a 15000 rs. 25000 e 55000 rs.

**GRATIS 125 machinas fallantes**



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas, modelos de 1909. Remettem-se catálogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á CASA SIMPLEX BICYCLETES

DISCOS E MACHINAS FALANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Anião, 32 e 34 — LISBOA

Representantes em Milão **BLANG FRÈRES**  
17, VIA ARIOSTO

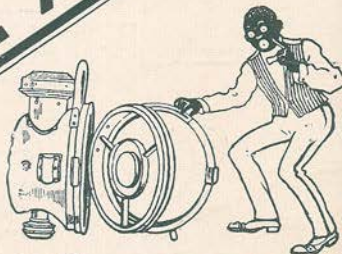
# Pharol dos Reis

PORQUE É O

## Rei dos Pharoes

Os melhores Pharoes  
SÃO:

# B. R. C. ALPHA



RODRIGUES GAUTHIER & C.<sup>A</sup> 67, B<sup>O</sup> DE CHARONNE  
PARIS

## PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).  
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula

PARA ENCADERNAR A

«**Ilustração Portuguesa**»

Já estão á venda bonitas capas em percaline de plian para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. **PREÇO 360 REIS**. Envia para qualquer ponto a quem as requisitar. A importação póde ser remettida em vale do correio ou sellos em registada. Cada capa vaé acompanhada do indice e frotipios respectivos. **Administração do «Seculo-Luz»**

# Concurso de 1909

O **SEculo** organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores.

**TOTAL 4:528 PREMIOS** representados por objectos da maior utilidade para toda a gente. A sua distribuição devera realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Publicamos hoje mais um pedaço de um todo que vos dará a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e tereis alcançado meio caminho para a fortuna.

